



Imagem: Omar Santamaría / Catholicpic

CRISTO PRESENTE NO TEMPO: A EPIFANIA NO ANO LITÚRGICO

♦ Pe. Anderson Marçal Moreira* ♦

A liturgia, como afirmou o Concílio Vaticano II, é “a primeira e indispensável fonte da qual os fiéis podem haurir o genuíno espírito cristão” (Constituição Apostólica *Sacrosanctum Concilium*, 14). Com a celebração do ano litúrgico, a Igreja, recordando os mistérios da redenção, abre aos fiéis a riqueza da ação salvífica do seu Senhor, torna-os de alguma forma presentes em todos os momentos para que possam contactar e estar cheios da graça da salvação (cf. Constituição Apostólica *Sacrosanctum Concilium*, 102). Todo tipo de espiritualidade, legítima e aprovada pela autoridade da Igreja, terá que alimentar e lidar com esta fonte rotativa.

O caminho da salvação é objetivamente marcado em nível histórico-sacramental pelo próprio Deus e a Igreja, em obediência ao seu Senhor, realiza-o por meio do anúncio da Palavra, da celebração dos sacramentos, da oração comum, da celebração dos mistérios de Cristo no ano litúrgico, para que o que foi recebido pela fé se exprima com vida. Daí o novo culto, o verdadeiro culto inaugurado por Jesus: o “culto em espírito e verdade”. Se o primeiro conteúdo da celebração é o mistério, a liturgia, que o atualiza nos sinais, celebra, nas situações históricas mutantes, toda a nossa experiência de fé. A grande história é toda pontuada pelas grandes intervenções de Deus, chamadas de *magnalia* pela Bíblia. A grande *magnalia* da atualidade são os sacramentos. São a réplica, no plano sacramental, dos grandes gestos que Deus fez. O tempo litúrgico é uma continuação da história da salvação. O hoje de Cristo se torna o hoje do cristão. E o momento litúrgico torna-se *kairós*, um tempo propício de salvação, isso graças ao anúncio da Igreja. Torna

presente a coisa anunciada. Ao celebrar um mistério, a Igreja o proclama antes de tudo: “Cristo nasceu, Cristo ressuscitou”. Assim, precisamente em virtude desse anúncio, o mistério se faz presente entre nós: aqui agora, neste ano, hoje. Leão Magno diz no Natal: “Hoje brilha sobre nós um dia de nova redenção, um dia de redenção eterna, um dia de alegria que tem raízes longínquas”.



O caminho da salvação é objetivamente marcado em nível histórico-sacramental pelo próprio Deus e a Igreja, em obediência ao seu Senhor, realiza-o por meio do anúncio da Palavra, da celebração dos sacramentos, da oração comum, da celebração dos mistérios de Cristo no ano litúrgico, para que o que foi recebido pela fé se exprima com vida



Cristo é o alfa e o ômega. Toda a história caminha para Ele. A liturgia, portanto, atualiza o seu mistério, no qual flui toda a história da salvação. No prólogo da Carta aos Efésios, Paulo contempla o plano de Deus e sua implementação histórica em uma visão geral. O ponto-chave

é este: tudo é pensado por Deus em função de Cristo. Tudo acontece em Cristo. Ele está presente em todos os pontos do processo histórico que traz a salvação. Só Ele justifica a existência do tempo e está destinado a preenchê-lo. Tempo pontuado pelas celebrações da Igreja. Enquanto continua a se desenvolver, ele flui no “hoje de Cristo”. Isso não elimina tempo, nem história, mas aquele Cristo que “ontem”, na sua vida terrena, entrou na nossa história, continua a fazê-lo hoje e sempre o será no futuro (cf. Hb 13, 8). Visto que nos tornamos participantes de Cristo (cf. Hb 3, 14), entramos com ele nesse “hoje”. A festa é o momento privilegiado da nossa inserção nesse “hoje”. Paulo VI, no *motu proprio* com o qual aprovou o novo calendário litúrgico (14 de fevereiro de 1969), escreveu: “No decorrer do ano litúrgico, as ações com as quais Jesus Cristo, morrendo, trouxe-nos a salvação não são apenas lembradas; nem é uma simples memória do passado, da qual todos os fiéis recebem instruções e alimento. A celebração do ano litúrgico, por outro lado, possui uma força e uma eficácia especiais para alimentar a vida cristã”.

Com razão, portanto, quando celebramos o mistério do nascimento de Cristo e da sua manifestação ao mundo, pedimos-lhe que se renove no espírito por aquele que exteriormente reconhecemos como semelhante a nós. E quando renovamos a Páscoa de Cristo, pedimos a Deus por todos os que nasceram de novo em Cristo, que guardam na vida o Sacramento que receberam na fé. De fato, segundo as próprias palavras do Concílio Vaticano II, a Igreja, “recordando assim os mistérios da redenção, abre aos fiéis a riqueza das ações salvíficas e dos méritos do seu

Senhor, de modo a torná-los presentes em todos os momentos, para que os fiéis possam entrar em contato e se encher da graça da salvação”. É uma síntese maravilhosa. A Carta Encíclica *Mediator Dei* havia preparado isso já em 1947, quando afirmava que “o ano litúrgico não é uma representação fria e inerte de fatos que pertencem ao passado, mas antes o próprio Cristo que sempre vive em sua Igreja, e que continua a jornada de imensa misericórdia iniciada por ele nesta vida mortal” (150). O texto de Paulo implica algumas coisas concretas: 1) o ano litúrgico tem um valor “sacramental”; o anúncio é atualizado, o sinal contém o significado; 2) se o mistério de Cristo está aqui, posso participar dele, posso entrar nele. A referência a um “vírus” de Cristo ao qual os fiéis podem “recorrer”, do qual quase podem tocar a eficácia, evoca instintivamente o texto do Evangelho que fala de uma multidão que tentou “tocá-lo” e saiu dele. uma força que curou a todos (cf. Lc 6,19). A celebração me põe em contato com a força salvadora de Cristo, justamente porque me envolve em seus mistérios.

A fé se torna uma participação dinâmica no “ciclo de ações” com o qual nos redimiu. Estamos envolvidos em seu caso. Somos atraídos com Ele para o pai. Então, como disse A Carta Encíclica *Mediator Dei*, “As almas dos cristãos são como altares nos quais as várias etapas do sacrifício imolado pelo sumo sacerdote são renovadas e reavivadas” (138). Esse dinamismo se transforma em tensão para frente, o que torna toda a existência uma corrida. Na verdade, o mistério de Cristo é um movimento progressivo que se apoderou de sua vida. Esse movimento continua na Igreja até que todos alcancemos o homem perfeito, a estatura plena de Cristo. O ano litúrgico respeita essa progressão, recordando as várias fases do mistério de Cristo, desde os humildes primórdios de Belém à glorificação pascal e ao zênite do Pentecostes, que consagra a Igreja, continuação de Cristo, até à parusia. Se o ano litúrgico de alguma forma segue o mistério de Cristo passo a passo, “reapresentando” seu desenvolvimento progressivo, não o faz para reproduzir um drama histórico, como se faria no palco, mas para apoiar e estimular o homem em sua caminhada gradual em direção a Cristo. Mais uma vez, portanto, convém sublinhar que é em nós que o mistério revive. Aquele aconte-

cimento histórico que Cristo viveu em si há 2 mil anos recomeça indefinidamente em nós e por nós, graças ao seu Espírito.

O ano litúrgico é a história de Cristo que se insere no plano pessoal para se tornar salvação, não isolando a pessoa, mas colocando-a no dinamismo dessa *historia salutis*. Por isso, no fim de cada ano, com o Advento, recomeçamos. Não é repetição, é avançar, partindo do ponto a que chegamos: é um novo advento de Cristo na vida da Igreja e de cada um. De festa em festa somos “sempre novos” diante de Deus em Cristo, para realizar o que a liturgia pede no primeiro domingo da Quaresma: “Crescer no conhecimento do mistério de Cristo e testemunhá-lo com um homem digno”. Deve-se notar que “conhecer” na linguagem bíblica litúrgica é muito mais do que contemplar, admirar e agradecer. “Saber” é estabelecer um contato íntimo com aqueles mistérios que estão “aqui” e vivenciá-los. Além de ser “realidade”, o ano litúrgico é, portanto, uma pedagogia muito sábia da Igreja. Trata-se de viver essa vida de Cristo Senhor, esta viagem imponente, desde o seio da Virgem até ao trono da Majestade Divina no Céu mais alto esse mistério. Trata-se de celebrar e fazer nossa própria grande realidade de salvação, não simplesmente de contemplar e imitar a vida terrena do Senhor em todos os seus detalhes. Mesmo uma pessoa não batizada poderia fazer isso enquanto nós, cristãos e católicos, somos chamados a celebrar o mistério de Cristo usando o poder que vem do Espírito de Deus, não recebendo apenas iluminações e graças, mas participando da realidade espiritual objetiva de Cristo presente. Só assim podemos haurir, cheios de alegria, da fonte da vida que é Cristo Salvador. A afirmação de Cristo “Eu sou o caminho” (Jo 14,6) é assim realizada da maneira mais elevada. Cristo não é simplesmente um exemplo e aquele que indica o caminho: é, antes, o caminho verdadeiro e adequado que nos conduz à meta. Assim, entendemos o ano litúrgico vivendo-o, porque vivemos uma realidade de fé, uma realidade eclesial, experimentando a sensação de tempo que é preenchida por uma pessoa: Cristo.

Antes de tudo, a unidade do mistério deve ser imediatamente enfatizada. A articulação do ciclo litúrgico não deve ser enganosa. As várias fases (Advento, Natal, Quaresma, Páscoa) justificam-se como abordagens diferentes do único mistério

e caracterizam-se pela referência às suas fases. Um processo plenamente legítimo e altamente pedagógico, desde que se tenha sempre presente que o mistério é um só: o Cristo pascal.

Cada fase deve estar ligada ao seu ponto culminante, o *sacramentum paschale*. Assim, o Natal não é apenas a celebração do nascimento de Cristo, é o mistério da redenção visto de certo ângulo: o Verbo feito carne para nos salvar. No entanto, é útil para nós que o mistério se desenvolva em relação à história “histórica” de Jesus, que é um longo caminho, ainda que todo orientado para a cruz. Não podemos abarcar tudo numa só visão, muito menos vivê-la. Nosso olhar precisa analisar. A liturgia vem ao nosso encontro quebrando o mistério como o prisma quebra o raio de luz, ou como rios fluem da imponente geleira de uma montanha, que no nosso caso “alegram a cidade de Deus” (Sl 46,4), irrigando-a como um jardim. Dançando, nós cantamos: “Todas as minhas fontes estão em você” (Sl 87,7). Isso dá ao ciclo uma vivacidade dramática, aquele encanto que sempre emana da variedade. A Palavra divina desempenha um papel decisivo nisso. Ressoa com acentos sempre novos e, ao mesmo tempo, é dotada de eficácia divina. Ele faz o que diz e assim, embora haja todo o mistério da redenção em cada Missa, no Natal podemos dizer: “Hoje nasceu Cristo”. Esse “hoje”, usado tranquilamente pela Igreja ao celebrar e reviver todas as etapas do mistério, diz claramente outra coisa, ou seja, a centralidade da Páscoa não deve obscurecer a consistência própria de cada etapa. Em outras palavras: o que levou a Igreja a distribuir o mistério em várias etapas não é apenas uma intenção pedagógica. Nesse caso, seria comparável a uma representação sagrada e não poderia mais ser chamado de “sacramento”, como fazem os padres. Depois, no Natal, diga-se: hoje os textos proclamam o Natal e os ritos “o representam”. Na realidade, porém, o que se faz presente nos sinais, portanto, de que participamos, é a Páscoa.

Certamente, o mistério é sempre único, mas é visto (e, portanto, celebrado, atualizado e vivido) em uma perspectiva diferente, nas várias etapas do ano litúrgico. ●

.....
*Padre Anderson Marçal Moreira é doutor em Teologia Pastoral Bíblica e Litúrgica, pároco da Paróquia Santa Cândida em São Paulo (SP) e membro da Comunidade Canção Nova.